

The Project Gutenberg eBook of Entre as Nymphéas, by João Marques de Carvalho

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Entre as Nymphéas

Author: João Marques de Carvalho

Release Date: June 19, 2009 [EBook #29161]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK ENTRE AS NYMPHÉAS ***

OBRAS DE MARQUES DE CARVALHO

VII

ENTRE AS NYMPHEAS

DO MESMO AUCTOR

O SONHO DO MONARCHA	Opusculo
LAVAS	Opusculo
PAULINO DE BRITO	Opusculo
HORTENCIA	1 volume
O LIVRO DE JUDITH	1 volume
CONTOS PARAENSES	1 volume

J. MARQUES DE CARVALHO

ENTRE AS
NYMPHEAS



BUENOS AIRES
Arnoldo Moen,—editor
Calle Florida N.º 314
1896

INDICE

PRIMEIRA PARTE

Subjectivismo

Paginas

O isolamento	15
Gaivotas	27
O Naufragio do Purus	39
Brinde a minha Filha	49
O cemiterio da floresta	57
Um aniversario	67

SEGUNDA PARTE

Objectivismo

A pesca do Deodato	89
Mater dolorosa	113
Yaras paraenses	129
Uma historia de amor	137
A filha do pagé	153

PRIMEIRA PARTE SUBJECTIVISMO

Esta parte do volume é íntima, subjectiva.

Suas paginas constituem o trabalho d'um artista apaixonado e d'um homem de coração, durante uma viagem entre as nympheas, na região dos nenuphars e da Victoria Regia, pelos rios Amazonas, Negro e Madeira, ha seis annos.

O labutar objectivo do auctor em busca da expressão naturalista da arte encontra aqui uma occasião de pausa roborante, emquanto fala a alma, na livre expansão da sua illimitada sinceridade e de todas as forças affectivas que possue.

Eu devia esta homenagem ao amparo dos meus desanimos, ao jubilo dos meus dias prazenteiros,—á insubstituivel companheira a quem dedico esta metade do volume. Doze annos de intensíssimo affecto necessitavam de uma commemoração.

Buenos Aires, 1895.

Marques de Carvalho. {15}

O ISOLAMENTO

O ISOLAMENTO

A Coelho Netto

I

Ergui-me com a estrella d'alva, esta manhã.

Oppresso pela atmospherá pesada do aposento, saí logo ao terraço, a receber em cheio na face a brisa que, desde o interior da casa, eu ouvia sacudir valentemente as grandes arvores da floresta, ali perto.

Logo bebi, sôfrego, esse ar embalsamado que enchia o ambiente.

{18}

Uma alegria sem par empolgou-me o espirito, sem duvida suscitada pela grandiosa belleza circumdante. Embrenhei-me na matta, seguindo uma azinhaga. Começava a amanhecer. Havia no ar esse murmurio das aves que despertam,—bulicio tepido que só podem avaliar os madrugadores na roça,—um como roçar voluptuoso do frouxel suavíssimo que exorna as innumerás legiões canoras do Amazonas.

Não sei o tempo que andei quasi ás apalpadelas, ao longo do carreiro. Interessava-me tanto pelo duplo acordar dos ninhos e das plantas, que só reparei em mim mesmo quando, já dia claro, encontrei-me no cantro de uma bella clareira. Por cima de mim, balbuciava a brisa dulcíssimos rumorejos, agitando as copas verdejantes. Em derredor, porém, era, ás vezes, absoluta a tranquillidade das coisas. Por intermittencias, nem mesmo um ciciar de passarinho, ou esse mysterioso, farfalhante correr de lagarto, que parece suscitar não sei que extranhos sobressaltos nas florestas do meu paiz.

{19}

Formava a clareira como um salão circular preparado pela natureza para receber-me. E, para que nada faltasse, havia, ao fundo, estendido como um luctador exausto, um grande tronco secular, que alguma tremenda tempestade derribara. Amplo, coberto do limo que arremedava a fôfa disposição dos estôfos valiosos, esse gigante vencido offerencia-me commodo assento rustico. Entretanto, não utilizei-me d'elle: sentindo-me bem, sentindo-me feliz, estava longe da fadiga. Por insensível movimento de dominio orgulhoso, apenas puz-lhe o pé no dorso, vencedoramente.

Na mesma occasião, porém, penetrou-me o pavor: uma grande ave, um inhambú graciosissimo emergiu d'entre as toijas de verdura fresca, de sob o tronco abatido e ergueu o vôo para o interior do matto, n'um largo ruflar d'azas com indubitaveis entonações zombeteiras, intoleravelmente escarninhas. {20}

II

Quedei-me ali muito tempo, a seguir esta ordem de pensamentos.

No entanto, o ceu fôra devassado pelo hilariante clarão com que este bemdito sol da minha terra doira todas as coisas, em sua munificencia de soberano insupplantavel. Por toda a parte, só uma coisa via: luz, luz, luz, esse alastrar de claridade que penetra tudo, que dá aos objectos uma apparencia de alegria, d'intenso jubilo paradisiaco! {21}

Pelo ar, cantavam sempre a brisa e as aves, estas menos talvez do que aquella, comprometida a fazer a larga harmonia da alígera volata.

A clareira formava agora um salão redondo alcatifado de velludo esmeraldino, illuminado d'uma orgia de raios, vibrante da deliciosa bacchanal dos passarinhos.

Minha alma dilatava-se mais no goso, até ali inexperimentado, de tamanha quietude, de tão profunda sensação do que é grato na liberdade.

O isolamento! Quanta paz na situação que esta phrase traduz! Que suaves delicias que meigo langôr frue o espirito no socego completo, divorciado dos cuidados da vida commum, senhor emfim de sondar a consciencia propria, com a qual anda, ás vezes, semanas inteiras sem ter um só instante para escutar-lhe as impressões, para confabular com ella, extremado dos sêres banaes e falsos que formam a nossa róda habitual! {22}

Haverá porventura alguém que não preze esses momentos de silencio, nos quaes a alma fala comsigo propria, dizendo coisas ha muito sentidas e que, entretanto, parecem-lhe,—quando examinadas,—extranhas novidades jamais ouvidas?

Lembro-me agora da attenta concentração em que surprehendo, algumas vezes, no alto das ramarias, esses folgazões alados que garganteiam a todo instante crystallinas fiorituras sonoras. Dir-se-ia monologarem, resolvendo ponderoso assumpto, tal a profunda gravidade com que pendem a cabecinha, como recolhidos ao mais intimo de si mesmos. {23}

Conheci um canario ao qual este genero de melancolia era habitual. Valente cantor, adorado em toda a vizinhança pelo talento com que desferia os seus bellísimos gorgeios, valia a pena velo, quando espanjava-se ao sol, muito arripiado e gracioso, revolvendo com o bico, em rápida immersão, a agua do pequenino tanque de crystal da gaiola doirada onde vivia.

Tirava horas inteiras para cantar, saltitante e feliz! Podia dizer-se que empenhava-se em fazer um impossivel, ou que pretendia matar-se n'um excesso melodico e genial, superior ás forças de seu mesquinho sêr de passarito delicado! {24}

Porém detinha-se de repente, entre um trinado e um silvo: detinha-se, interrompendo os elegantes pulinhos e, immovel na travessa principal, ficava ali demorados momentos, a curvar a loira cabeça para um e outro lado, com uma sériedade que poderia fazer sorrir a quem, superficial e leviano, não ponderasse no mysterio d'aquelle inesperado recolhimento em que uma alma sonhadora e romantica parecia despertar n'elle com intercadencias fataes.

Terão também os passaros o prazer do soliloquio, a volupia da meditação? Terão também a percepção dos gosos inebriantes que provém da certeza de estarmos sós,—absolutamente sós, que ventura!—emfim libertados da tyrannia das convenções, capazes de desafivelar a mascara que atam-nos á face os respeitos mundanos?... {25}

Bem quizera crêr na existencia, n'elles, de um poder de reflexão, pois d'outro modo não sei explicar aquella postura tão extranha, aquella ar philosopho, essa expressão quasi humana,—tão humana, que surprehende!

É que, de certo, sentem o valor do socego, da paz completa, do tranquillizador influxo da solidão, cujos ineffaveis encantos fascinam, penetram o organismo d'uma tepidez emolliente, dão este balsamo incomparavel:—a alegria de viver!

E como assim não acontecer, visto que as aves são as dominadoras do espaço, os habitantes da

matta, onde é de todo sensível o poder do isolamento, d'esta situação, que póde ser considerada egoista e destruidora, porém que o meu espirito acaba de começar a comprehender, a reverenciar, a amar com descompassados enthusiasmos, porque vae-lhe perscrutando os largos arcanos de poesia e alento philosophico, o vigor que insufla a mente para aprofundar-se no estudo subjectivo, no conhecimento do *eu*, a desillusão a que arrasta-nos em relação ás pequenas miserias odientas do mundo postiço dos falsos e dos pretensos civilizados?...

{26}

Gloria ao isolamento! Bem dita sejas, ó grande floresta amazonica, osculada pela ardente paixão do sol, toda sonora dos folguedos da passarada chilreante, rica de estranhos mysterios e de mysteriosas riquezas inestimaveis!

{27}

GAIVOTAS

GAIVOTAS

I

Um bando de gaivotas, aos pares amavelmente aproximados, ergueu o vô do mattagal e, cortando o espaço por de sobre o borbulhante estirão do rio, veiu seguindo o vapor, a poucos metros de distancia da pôpa, ora alteando-se á ponta do mastro, ora descendo rapido, de olhar incisivo e lesto bico, até esfrolar levemente a agua com as cendradas pennas da aza desfraldada.

{30}

O marulho da agua parecia excital-as, espicaçar-lhes a actividade em céleres convites de festiva digressão a ignotas paragens, onde o ceu fosse azul,—muito azul,—e a verdura das ilhas tivesse os tenros e alegres tons que apresentavam os aningaes das margens defronte das quaes passavamos n'aquelle instante.

Revoavam jubilosamente, as gaivotas, aproximavam-se do vapor, descrevendo elegantes circulos, n'uma palpação d'azas semelhante ao rufar do leque entre os dedos d'uma bella mulher, quando impéra, deslumbrante de graça, nos salões selectos. Vinham, parecia quererem invadir a coberta, participar da ruidosa vida que sobre ella apresentavam os passageiros, reunidos em intimas palestras.

Sentado á pôpa, eu silenciosamente fitava aquelles aquaticos viajeiros ignorados. Seguia-lhes os caprichosos folguedos sob a limpidez do ceu, com o olhar perdido traz elles, emprestando-lhes idéas, dando a mim proprio as razões d'esse livre gaudio perante a pompa triumphal da tarde moribunda.

{31}

Formavam as margens visiveis do rio largas ilhas meio submersas, de que apenas se viam emergindo da agua,—como braços erguidos para o espaço n'um enthusiasmo viril de canticos de louvor,—milhares d'arvores variadíssimas, esparzindo perfumes resinosos e estalando as cascas sob a demasiada affluencia das tepidas seivas vivificadoras. Como grandes açafates de caprichosas fórmias espalhados por toda a latíssima extensão do rio, essas ilhas balouçavam as farfalhantes cômas glaucas, onde os pássaros, papeando, entreteciam previdentes os diminutos ninhos e a robustez dos merityzeiros erguia pendentos os pesados cachos de fructos granadinos.

{32}

Pelas margens, começavam a acordar os innominados animaes noctivagos e um arruido extranho, abafado, levantava-se em surdina sob o machucamento das folhagens ondulantes.

E a tarde morria a pouco e pouco.

Depois, ao fundo da paizagem, recortaram-se escuras, encobrando o sol, as longas montanhas sobre as quaes está erecta Monte-Alegre.

Um dos mais bellos crepusculos vespertinos começou então.

Quadro verdadeiramente formoso! O ceu, entestando com essas montanhas, apresentava todas as tonalidades do iris, n'uma pujança complexa de matizes prismaticos, e o sol,—como apertado

{33}

entre ellas e a brunida cupula sideral,—disseminava pelo espaço crystalino feixes de raios luminosos em gigánteia expansão que lembrava uma aurora boreal, um enorme clarão d'apothéose empyrea.

Pelo nascente, subiam gradativas trevas, como poderosíssimo senhor que sae a combate sem precipitações, na sua convicção d'inilludivel victoria.

Ao mesmo tempo, perto do zenith, un crescentesinho de lua e a estrella da tarde,—esta quasi tão luminosa como um raio do teu olhar, querida amiga,—scintillavam merencorios, como annuviados por incognoscivel saudade, entre longas nuvens delgadas, côr de pérola e lyrio, rendilhando-se no azul ferrete do firmamento.

As gaivotas, então, que tinham vindo a seguir-nos,—emquanto o meu olhar, da pôpa do navio, parecia desejar attraíl-as poderoso,—grasnaram freneticas e, de subito, descrevendo rapido circulo elegantíssimo, regressaram á terra d'onde tinham partido e fugiram veloces, n'uma actividade de movimentação d'azas perdendo-se ao longe, na meia escuridade do crepusculo. {34}

Fiquei sosinho á ré, a fital-as...—a fital-as, oh! não!—a mirar o ponto do aningal onde se haviam perdido aquelles inconscientes sêres, que tanto me tinham enleiado o espirito nas invisiveis malhas dos seus largos circulos graciosos, descriptos no espaço, em reflexões movediças sobre as gorgolejantes aguas amazonicas. {35}

II

Assim também fugiram-me precipitadas do seio as niveas alegrias, quando, levado pela embarcação, ausentei-me saudoso da terra onde ficaram as candidas inflorescencias do meu amor.

Como aquellas gaivotas, preguiçosas e sympathicas, os doces prazeres familiares deixaram-me seguir sosinho, breve regressaram á terra que idolátro na minha apaixonada effervescencia de entusiasmo pela grande patria digna das maiores dedicações.

Vou-me rio acima, isolado e desconhecido, entre pessôas estranhas, separado de vossos enlevadores affagos, ó queridos entes cuja ternura deslaça-me a vida em loiras espadanas de luz puríssima e gentil! Sigo meditabundo, sem receber na alma entenebrecida um raio do vosso olhar,—um só raio que me illuminasse o peito, para pôr em relevo dentro d'elle toda a somma de santos sentimentos para vós,—sómente para vós—guardados allí! {36}

A abafada canção da agua babujando os flancos do navio faz a surdina dolente que acompanha as mestas lamentações do meu espirito obsidiado pela afflicção das saudades.

Ás vezes, a deshoras da noite, quando o firmamento escuro apresenta-se deserto das suas luzentes tauxiações risonhas, e só a floresta da margem rebôa agitada pelo cadenciado barulho da possante machina, embalde busco pelo ceu do meu espirito certo par de estrellinhas anejas, —que são os doces olhos petulantes de minha filha, fanaes da vida minha. {37}

E só a luminosa palpitação phosphorescente dos pyrilampos tremeluze rápida no tenebroso velludo dos aningaes da beira.

A solidão augmenta-me os pezares, quando a hora do crepusculo da tarde vem descaíndo vaga pela terra, deslisando do inflexivel pendulo do tempo com a dura impassibilidade d'uma desgraça tremenda.

Gaivotas, alegrias do rio! Alegrias, gaivotas do pélagos da minha vida! Porque fugís tão veloces, sem vos deixardes agarrar por estas mãos, que vagam sem um apoio amoroso, sem vos deixardes aprisionar n'este peito, fremente de meigas paixões santíssimas?

Rio Madeira, abril. {38}
{39}

O Naufragio do Purus

O Naufragio do Purus

A H. Inglez de Souza

I

Este é o sitio em que, ha vinte annos quasi, afundou-se o *Purús*, arrastando para o leito do rio algumas dezenas de cadaveres colhidos de surpresa.

O Amazonas aqui, como conservando ainda a triste memoria do luctulento successo, rola silencioso as suas aguas, cobre-se eternamente com o intenso crepe, accentuado e mesto, do vasto rio Negro. {42}

Têm as margens a apparencia de um recinto de funeral: socegadas e desertas, monotonisam o quadro com a ininterrupta ostentação das suas ramalhudas verduras densíssimas.

Nenhum gorgueio de passaro percebo na larga mudez circumdante.

No alto, o ceu, apinhado de nuvens escuras, encobre-me aos olhos a risonha alegria do seu puríssimo azul, adoravel como as pupillas d'uma imagemzinha da Virgem, que minha Mae, em pequenino, ensinou-me a reverenciar com o contemplativo respeito das creanças absôrtas!

Passamos n'este mesmo instante sobre o logar onde atufou-se a elegante embarcação aventureira.

Um pensamento de saudade assalta-me o espirito, agora que deslizei rápido por cima do líquido sapulchro de tantos infelizes. {43}

Relembro, com a forçosa evocação do meu passado, as confusas recordações da primeira edade e reproduzo na mente, consoante ás narrações da época, o pasmoso entrécho do hórrido espectáculo.

Vejo pessoas de todos os sexos e edades, em meio á densa escuridão da noite, bramindo apavorados gritos, impetrando o auxilio do ceu impassivel, amaldiçoando o momento final com o tórvo desespero das grandes afflições.

A bracejar contra a correnteza, lobrigo um ou outro naufrago n'aquelle pégo, quasi tão vasto como o do mantuano cantor. Uns, redobrando de esforços, conseguirão alcançar a margem anhelada; a mór parte, porém, certo fraquejará impotente na violencia das aguas e rolará inanimada aos profundos antros dos caimões! {44}

N'um camarote, vencida, dominada por tredo somno, uma joven mulher angelical, esposa estremecida e extremosíssima, é surprehendida pelas aguas em sua descuidosa seminudez inconsciente e logo suffocada sem haver tempo de reconhecer o perigo por que passa com os seus,—com os parentes affectuosos e com o infeliz marido, o commandante austero, de quem separa-a, sem transigencias, a comprehensão do cumprimento do dever.

E ali morre, com o pobre coração retalhado de angustias e amaríssimas saudades, uma valente mulher de temperamento e actividade virís, guia e ama de muitos d'aquelles naufragos. É a heroica exploradora d'uma parte do rio Madeira, a veneranda mãe d'um punhado de homens honrados e de honestíssimas mulheres,—a idolatrada mãe d'aquella excelsa creatura que deu-me luz aos olhos e piedosos sentimentos ao coração! {45}

II

Comprehendo agora perfeitamente a dôr que rasgou-te os puros seios d'alma, querida Mãe, quando correram a referir-te o hórrido successo.

Creança quasi irresponsavel, eu não tinha a percepção completa d'aquelles affligidíssimos desespêros em que te lançaste, com os olhos amarados de lágrymas adamantinas. {46}

Entrei a brincar-te com os longos cabellos pretos, minha adoravel amiga, e um beijo tão sincero como a tua dôr deposeram-te na fronte ensombreada meus labios deslaçados em simples phrases sem valor.

Hoje, porém, ó Mãe, avalio com justeza a afflicção que em ti causou tão deshumano flagicio da sorte inclemente. Sondo, linha por linha, todos os arcanos do teu seio, ausculto-lhe as precipitadas palpitações soluçantes e lamentosas.

Choravas, inconsolavel e dolentíssima, porque deixaras de ter mãe.

Sinto conhecer-te a intensidade das penas, porque também perdi-te para sempre e só minha alma pode saber a força de toda a violenta dôr que, ha seis annos, confrange-a impiedosa, minuto a minuto, persistentemente, tantas são as vezes que de ti me lembro, inolvidavel mulher que foste a guia da minha infancia e a amiga insubstituivel da minha adolescencia!

{47}

Rio Amazonas—Rio Negro.

{48}

{49}

Brinde a minha Filha

Brinde a minha filha

Hoje é o dia do teu primeiro anniversario, querida filha.

És pequenina de mais, tens o espirito ainda cerrado á comprehensão exterior das cousas, para poderes penetrar o jubilo immenso de que devo estar saturado por esse acontecimento, sobre a vastidão d'esta valente arteria amazonica, ao tempo que as perspectivas das verdes paizagens apraziveis se vão succedendo gradativamente, n'uma suavidade que deslisa tranquillia a meus olhos enlevados nas florituras das folhagens ramalhudas.

{52}

Entretanto, devo escrever estas linhas que, no futuro, destinarei a teus olhos e a tua alma,—sobretudo á tua alma, querido amor! Intima força propelle-me a esta communicação silenciosa dos nossos dois espiritos,—o meu ainda novo, porém já prestes a declinar para as florescencias da idade madura e o teu velado ainda á vida do espirito, aos sentimentos santos, pequenino botão de bogary transcendental, que nem sequer pensa em desabotoar as cerradas corollas aos largos folguedos d'uma existencia feliz!

E porque não falar-te hoje?

Quem sabe o que o dia de amanhã,—soturno cairel dos arcanos do tempo,—não guarda para nós envolto nas iriadas roupagens do futuro?

A distancia que entre nós presentemente existe não é motivo bastante forte para recusar-me ao desejo de escrever estas palavras simples, destinadas á perfeita simplicidade do teu espirito... d'aqui a meia duzia d'annos, quando estejas no caso de entendel-as, meu amor.

{53}

Nem tu sabes que multidão de alegres pensamentos vaga-me no cerebro, hoje que um anno se completa que pela vez primeira te vi, rosada e pequenina, quasi imperceptivel átomo-flôr d' uma existencia tão almejada e bemdita pelo meu espirito milhares de vezes rejubilado!

Como estuava-me o coração, alargado em seus ambitos pelo prazer, todo aberto ás santas paixões amovaveis de quem começa a gosar as grandes, as mellifluas, as inebriantes sensações vitaes da paternidade! Com que ternura immensa não te fitavam meus olhos, rasos d'agua, abertos como n'um sorriso, revendo a tua pequenina imagem atravez da nervosa palpitação imperceptivel dos cílios orvalhados das puras lágrymas do contentamento!

{54}

Um mundo de pensamentos risonhos e transcendentaes produzia-se-me no espirito, em luzida cohorte de festivas alegrias benéficas. Sentia-me pequeno demais para creal-os, bastante insignificante para soletrar tramando de emoção todo aquelle mirífico alphabeto enorme da mais santa das paixões.

Era a completa alegria que manifestava-se d'ess'arte em minha alma, porque pela primeira vez te via deante de mim, envolta em candidas faixas, ao collo de tua mãe, que desabrochava o rosto n'um sorriso meio doloroso e quasi todo espiritualizado já, como n'um altar immaculado, erguido á tua innocencia pela ternura da Mulher que te deu á luz, regenerada da culpa da especie pelo immanente martyrio da maternidade!

{55}

Hoje, que taes factos completam um anno, dia a dia, os mesmos sentimentos revoam-me festivos pelo espirito, com equal força de vitalidade.

Inscrevo-os n'esta folha, registro-os em tua alma, ó flôr, para offerecer-t'os como presente d'annos em penhor do largo affecto de teu pae, emquanto, separado de ti por grande distancia, levanto á sorte mil votos pela tua felicidade futura, por tua existencia, por tua saude, pela tua angelica pureza de donzella e pela tua inquebrantavel virtude de esposa.

É bem possivel que não mais exista o auctor d'estas linhas e da tua existencia quando possas lêr as palavras aqui traçadas.

Não importa! Servirão para lembrar-te que possuiste um pae amorosíssimo, que teve para ti os pensamentos todos da sua vida e, por certo, ainda mesmo o pensamento final da hora derradeira! {56}

Rio Madeira, abril.

{57}

O cemiterio da floresta

O cemiterio da floresta

Hontem pela tarde o meu espirito confrangeu-se inteiro perante inesperado espectaculo, cuja reminiscencia me faz pensar ainda e arrasta-me tremula a mão, na tarefa de consignal-o no papel.

Vou referir-te, meu amor, o que viram meus olhos, e o que meu coração sentiu n'aquelle instante d'íntimas reflexões maguadas.

Cortada em rapido declive sobre a beira da agua, em meio á floresta densa, abandonada de todos, uma clareira fazia-se abrupta e essa clareira era um cemiterio, um pequeno campo santo solitario e melancolico,—sympathico todavia,—salpicado de cruces toscas e negras! {60}

A bordo, alegres conversações travavam-se aqui e ali, sob o oiro refulgente do sol no estivo desabrochar das claras horas diurnas. Ninguém parecia attentar n'esse triste sitio de repouso, sobre o qual a tripudiante passarada das mattas volitava cheia de inconsciencia, garridamente estrepitosa e jovial.

Alargava-se o rio ali defronte, muito socegado, todo brunido das reflexões solares, como se recebido houvesse um grande banho de prata fundida.

E um rumorejar da folhagem, dos dois lados do cemiterio e ao fundo, fechando o horisonte do quadro, cerrando a escarpa, como que parecia entoar a langorosa monotonia d'uma surdina risonha do prazer, sacudida em amplas vibrações de voluptia. {61}

Entretanto, o meu espirito entenebrecia-se pouco a pouco. Uma tristeza empolgou-o forte e minha alma deslisou para as mudas divagações dos sonhos acordados, das reflexões abstractas em que os olhos voltam a força objectiva para o interior e, eliminando o seu poder observador do mundo externo, nada comprehendem do que vem, porque só o cerebro trabalha dentro da materia e o seu meio de acção anniquila-se perante o vigor do espirito.

De quem aquelles despojos materiaes ali inhumados, longe dos centros de povoação, roubados ao conhecimento mundano, subtraídos á vaidade dos homens, entregues á terra com toda a simpleza das grandes devoluções pungentes, restituídos á obscuridade do nada para sempre, para sempre furtados á ultima recordação marmorea que lhes lembrasse o nome na derradeira falsidade dos epitaphios campanudos? {62}

Quantos heróes ignorados se não occultariam n'aquelle recinto, sob a leve camada de terra ás pressas lançada pelos vivos por cima de seus cadaveres meio decompostos?

Ali não vinham os falsos amigos ostentar o seu fingido pezar, com o recolhimento das feições e

a compostura do traje que predominam pelas cidades, onde até a inhumação é um luxo mais ou menos apurado. O marido infiel, respirando emfim livremente após a quebra do fio que prendia-lhe o alvedrio, não viria ali mais uma vez insultar com uma dôr não sentida a lamentavel memoria da doce esposa traída, nem a joven viuva leviana, já com o espirito occupado por amorosos pensares—adulterio posthumo!—appareceria a ostentar o fingimento d'uma paixão que não possuia e que depressa esqueceu na elaboração de cartinhas piégas ao primeiro janota impudico que lhe deparou a sorte ironica.

{63}

Ali, sim, ao homem honesto e severo, á mulher virtuosa e amante, á innocente creancinha levada ao descanso perennal após breve appareição na terra, grato, gratissimo seria inteiriçar os membros lassos e repousar alfim, descuidosos na eterna immobilidade dissolvente da ultima pacificação,—separados de toda a phantasia ephêmera e das convenções banaes da fallaciosa hypocrisia social.

Para quê ser lembrado após a morte? De que serve um marmore a reproduzir o nome d'um sêr cuja existencia o tempo consumiu,—candeia extincta, apagado fanal do pelago da vida? Recordar o nome d'um morto, perpetual-o petreamente, é ainda uma fórmula de insulto, é uma violação que põe o finado na emergencia de se lembrarem d'elle os maus, os pérfidos, aquelles que não o comprehenderam em vida e que mais uma vez negar-se-ão a fazer-lhe a justiça de que tão sedento estava o seu espirito.

{64}

Estaes bem ahi, desconhecidos heróes do labutar quotidiano, ó martyres das privações no meio d'essa esplendida orgia de verduras amazonicas! Tão bem vos acho, que até sinto inveja ao ver-vos no pequenino cemiterio escalvado na rapida ribanceira.

A sorte restituiu-vos ao pó com a mais austera simplicidade. Voltastes á terra na modesta elaboração d'um acto naturalissimo e a vida que fermenta entre as raizes d'essas bellas e grandes arvores viridantes vae buscar nos vossos cadaveres aquillo que lhe podeis dar:—a cada minuto um átomo de seiva, tirado á tépida fermentação da vosa carne, outr'ora palpitante, porém banal, agora repousada, mas operadora do beneficio que a lei natural do transformismo obriga-vos a prestar-lhe.

{65}

Apraz-me sentir que o meu espirito se consolaria quando, após á extincção da minha vida, algum ente querido, depois do ultimo beijo, enterrasse-me o corpo em vossa companhia, ó eternos moradores do cemiterio da selva! Julgar-me-ia feliz, com a satisfação e o orgulho d'este ultimo capricho realizado.

Teria, como vós, o supremo *requiem* dos trillos dos passaros, do farfalhar das ramarias densas, do desprezo dos raros viajantes n'estas longinhas regiões do Madeira e dos murmurosos beijos do gorgolejante listrão aquoso que incessantemente corre, ora envolto no denso velludo tenebroso da noite, ora ostenta-se brunido pelas amplas disseminações de prata fundida que o sol por cima d'elle parece lançar ás vezes, quando o ceu, sempre misericordioso, não verte sobre vós, lugubrememente, paternalmente, as piedosas orvalhadas dos seus largos prantos pluviaes.

{66}

Salvè, desconhecidos martyres da familia amazonica, eternos habitadores do cemiterio da floresta!

Rio Madeira, abril.

{67}

UM ANNIVERSARIO

UM ANNIVERSARIO

Á memoria de minhã irmã
A meu irmão.

Seis annos, hoje, que finou-se a mais santa das creaturas, a mais querida e amavel das mães.

Perante a emotividade profundíssima do meu ser, não tem hoje poder as largas pompas magestosas d'este romper de dia sereno sobre a paisagem Assoalhada, vibrante de esplendor, fremente de canções d'aves silvestres. Ao contrario, tudo me parece melancolico, monotono, quasi hostile, porque recebo as impressões externas atravez dos meus sentimentos e estes concentram-se nas amaríssimas dôres excitadas pela inapagavel recordação da morte de minha mãe!

{70}

*

Ha d'estas originalidades no fragil espirito humano: diz alegres os dias pluviosos, encontra-lhes graça, apraz-se em aspirar humidade na meia-sombra dos nevoeiros,—se algum prazer abala-o jubiloso; entretanto, encara indifferente ou raivoso as glorias da natureza; não tem um olhar para as galas triumphaes do espaço azul rutilante, acolchoado d'alvas nuvens pannejadas harmonicamente; enfastia-se e agasta-se até com a passiva tranquillidade das coisas, com o chilrear dos passarinhos,—quando algum desgosto lateja-lhe no coração encarquilhado ao peso das grandes dores supremas!

{71}

*

Estou a recordar-me das funebres e tremendas peripecias d'aquella inolvidavel tarde de 21 de abril, ha seis annos.

Uma pequenina alcova de matrona,—grave aposento destituido de luxo banal, apenas confortavel. Ao lado d'um guarda-vestidos, pesado e bom, uma mesa coberta de frascos de medicamentos com etiquetas multicôres, borradas de receitas pretenciosamente escriptas em termos barbaros, chocantes de ouvir, indicando venenos medidos aos millesimos, com mysterio.

{72}

Ao fundo, uma cama austera, toda branca em seus lençoes e colchas, sob os quaes desenhava-se um corpo longo, pouco amplo, de que apenas via-se, repoisada em grandes travesseiras alvas, uma cabeça de mulher, encaixilhada em bastos cabellos negros, lustrosos, apenas aqui e ali, de longe em longe, irisados de fios brancos que desprendiam o brilho metallico da prata polida.

Os olhos, semi cerrados, fitavam um ponto unico da parede fronteira, onde um pequeno raio de sol, atravessando o arco de uma janella da sala, fixava-se insistente, como receioso de desaparecer além, atraz das casas da praça, ou desejoso de não abandonar, no meio-tom confuso d'um crepusculo precoce, aquelle quarto mortuario, em que estava para começar uma agonia. O olhar de minha mãe persistia fito no luminoso circulosinho, que accendia de amarello a brancura da parede nua.

{73}

Quem sabe o que vêm os moribundos nos seus derradeiros momentos lúcidos? Que visões obsidiam-lhes os ultimos, instantes, subjugando-lhes o espirito já tão enfraquecido, dominando-os poderosamente? Vêm pela ultima vez o goso de alguma ventura occulta, entristecem-se pela proxima separação do encanto da vida ou entrevem já o beatifico descanso interminavel que aguarda-os no pó da sepultura?

*

Quasi seis horas. Continuavam os olhos presos ao circulo luminoso, que subira mais, approximando-se do tecto, n'um deslizar de vida que se extingue suave.

{74}

Pelo rosto emaciado de minha mãe não corria sombra de soffrimento. As faces cavavam-se levemente, o nariz afilava-se, com a transparencia de cêra dos entes que vão morrer. Entreabertos, os labios deixavam passar a respiração com um offêjo ciciante e molesto, brandamente. Dir-se-ia dormir a enferma, a não serem os olhos, agora um pouco mais abertos do que antes...

Em torno, alguns parentes vigiavam immoveis, com a expressão contristada, transida, que temos ao esperar a morte. Á cabeceira, de pé, encostada ao espaldar do leito, minha irmãsinha chorava em silencio, enxugava as incessantes lágrymas, suffocava os soluços, para não trair-se.

Quem atrever-se-ia a mostrar que soffria, perante aquelle resignado soffrimento que tão bem continha-se?

{75}

Meu irmão igualmente quedava-se perfilado, os olhos cravados n'esse rosto pálido, n'essa bemdita fronte eburnea que a virtude aureolava, n'esses doces labios que presentiamos frios, frigidíssimos, não obstante o ardente halito que esfrolava-os, ja osculados pela morte!...

Aquelles labios sonorosos, aquelles labios cantantes de mãe brasileira,—quem poderia mais galvanizar-os, fazel-os vibrar com o dulcíssimo affecto maternal que era o nosso ineffavel enlevo na quadra festiva da meninice descuidosa?

Onde iriamos beber os prudentes conselhos que esses puríssimos labios proferiram, deixaram cair em nossas almas como um desfiar de pérolas raras em taças de cristal?...

{76}

Quem seria, d'ali em deante, a amiga incomparavel, a santa companheira da nossa adolescencia ardente, a meiga representante d'esse encanecido vulto,—heroico prototypo da affeição familiar, da honra, da dignidade, de todos os boníssimos sentimentos,—que foi o nosso

Pae?....

Oh! desgraçados que eramos! N'aquelle impassivel expirar de tarde equatorial pomposa e abrazadora, iamos perder para sempre,—*para sempre!*—o nosso mais valioso dote, a vida de nossa Mãe!...

*

Seis horas e poucos minutos, Desapparecera do tecto, sempre seguido pelos olhos da moribunda, o circulo luminoso, a despedida do sol á vida periclitante. Desmaiara mais, tornara-se apenas uma tênue mancha amarella, breve transformada em sombra quasi imperceptivel. Depois, esbatendo-se gradualmente, fôra supprimida. Desappareceu: começou a agonia na enferma. {77}

É doloroso assistir ao estertor dos moribundos. Terriveis embates soffremos na alma. Primeiro, o egoismo natural no homem, excitado pela lembrança de ir perder um ente amado; depois, a constatação de que nunca mais poderá gosar-lhe do convívio, ouvir-lhe a fala affectuosa, oscular-lhe a fronte calma, as faces sorridentes com a immensa candura da virtude. Porém onde haverá mais requintado, mais vivo e agudo soffrer, do que na propria sensação que experimentamos da agonia do moribundo amado? Em que série de martyrios archi-excruciantes classificar esse desespero tórvo, enlouquecedor, vibrante, que em nós erguem a comprehensão das dôres a que assistimos e a impotencia de não podermos participar d'ellas, tomar para nós a maior porção, attenual-as um pouco, com o osculo das mãos acariciantes e com a ternura emolliente dos beijos ultra-expressivos dos ultimos, dos supremos adeuses?... {78}

Vinham-me ao espirito idéas estonteadoras, que levavam-me á meta da dôr. Ver soffrer a santa mulher que deu-me a vida, que tão feliz foi sempre em possuir nos braços enlaçantes os filhos queridos e amoraveis, era uma provação capaz de abalar-me a solidez da razão. E depois, ha sempre, á beira do tumulto de um ente que viveu em ligação intima comnosco, uma evocação, rapidíssima porém muito minuciosa, de todo o nosso passado. {79}

E o meu passado... quão unido estava ao d'aquella moribunda, que em vão buscava, ao vaguear a vista já vidrada pelo aposento, o raio de sol que viera despedil-a da vida, dar-lhe á alma, por um momento, na hora extrema, a claridade immaculavel que ella sempre teve na consciencia, na honra!

Vi-me creança, buliçoso e festivo, sem um desprazer além do provocado pelas privações dos brinquedos. Vi-me em todas as situações da existencia, em todas as phases d'uma juventude agitada, em todas as peripecias das nossas viagens, das nossas diversões, dos nossos gosos. Em toda a parte, de qualquer modo que manejasse aquellas scenas retrospectivas, ella apparecia-me sempre como o misericordioso interprete dos meus votos de felicidade, o meu anjo tutellar, o amparo inilludivel da minha inexperiencia, o meu aconselhador ajuizado como todas as boas mães. {80}

Quanta saudade, quanta, do meu passado extinto!...

*

Alguém tinha ido á igreja proxima,—a dez passos d'ali, no lado opposto do largo,—pedir o soccorro da religião e um levita acudiu, balbuciando preces indistinctas, a ungir quem ia morrer.

A apparição d'um sacerdote que traz o extremo sacramento a um enfermo apavora sempre. Ante similhante visita, eu e meu irmão principiamos de novo a chorar,—nós que pensavamos já ter exgottado as lágrymas, tão abundante fôra, desde trez dias, o nosso pranto.

Retirando-se o padre,—sempre murmurando orações em latim,—a agonia augmentou. Vizinhos tinham acudido, serviçaes e bisbilhoteiros. Causaram-me raiva, quasi molesto-os com uma demonstração mais evidente do meu enfado pela sua presença, quando desejara, a sós com os meus, receber o derradeiro alento da querida alma adoravel. {81}

Porque ha de prender-nos a educação n'um circulo igneo, impondo-nos dominio, heroicos fingimentos, até nos mais tremendos instantes da vida?...

Soluços mais rapidos de minha irmã fizeram-me esquecer esta série de reflexões, voltaram-me para o leito onde estertorava já a doce companheira da minha innocencia.

Acabei de comprehender este redobramento de chôro, vendo acercar-se alguém com uma véla accesa, que foi posta entre as mãos afusadas e lividas da moribunda. {82}

Minha mae ia morrer! Oh dilacerante, immensa dôr trazida por esta convicção!

Lancei-me de chôfre a beijar-lhe a fronte camarinhada de suor, os cabellos sedosos, negros como a afflicção de minha alma, as faces encovadas, os labios crispados, álgidos, por entre os quaes esgueirava-se um lancinante estertor crescente, que dizia demasiado a aproximação do momento fatal... Allucinado, pensei que a minha vitalidade, a minha florida juventude poderia reanimar, devolver á vida aquelle espirito immensamente amado e em vão tentava aquecer-lhe o involucro com o ardentíssimo, impotente contacto dos meus beijos filiaes!

Mas, de subito, houve uma cessação na agonia... Estarreci... Iria minha alma incrédula defrontar um milagre?... Oh! Deus era bom, Deus existia então, além da lenda biblica!... O rosto de minha mãe serenara, conservando, todavia, uma expressão retrahida, grave, como quem escuta a voz interior d'uma interessante evocação da existencia inteira.

{83}

Os cilios palpitarão longos, n'uma projecção calma de sombra nas faces. Brilharam os olhos, tranquillos de expressão e, vagaroso, subiu o olhar para o sitio onde cravara-se antes o raio de sol extinto agora.

Logo, porém, desceu, afim de erguer-se ainda, para minha irmã, para meu irmão, para mim... Demorou-se fito em minhas pupillas lacrymantes esse inolvidavel olhar, tão sereno como a tranquillidade da sua alma sem mácula, translucido n'uma expressão de quem medira o alcance do grande minuto final.

{84}

Quem poderá estereotypar o ultimo olhar das mães aos filhos estremecidos?

Attonito, baixei-me a receber o afago d'esse olhar tão expressivo como um beijo mudo. O milagre providencial ia operar-se, de certo. Eu abençoava já o eterno Bemfeitor da humanidade... ingênuo no egoismo do meu almejo.

Os labios, no entanto, descerraram-se. E, enquanto os olhos, um nada mais vitreos, vagavam sobre os trez rostos dos filhos surprezos, transidos de admiração e esperança, aquella bôcca lívida moveu-se no balbucio inextrincavel d'uma phrase indistincta que, certo, era uma prece, um conselho bom, uma benção, um adeus!

E os olhos fecharam-se, no mesmo calmo palpitar dos longos cilios, os labios contrahiram-se á passagem d'um suspiro mais longo,—um soluço dolentíssimo,—e a cabeça pendeu á direita, buscando o meu primeiro beijo a um cadaver amado, quente do ultimo esforço para dizer-nos com a vista a intensidade insondavel do seu carinhoso affecto!

{85}

*

Ha seis annos passou o horrendo transe que prostrou-me louco sobre os despojos funebres da mais santa e querida das Mães.

Dura sempre a dôr d'um filho amantíssimo? Creio bem que sim. Investigando a incalculavel profundez dos meus pezares, cotejando as impressões de hoje com as do anno passado, com as do outro anno, do outro e do dia em que estalou sobre mim a grande fatalidade, verifico a persistencia da mesma dôr molesta, intima, enorme, saudosamente triste, que levanta-me no espirito uma raiva contra a gloriosa expansão d'esta manhã rutilante e contra o gorgueio sonoro das aves, que estão, agora mesmo, a lembrar-me os doces cantos simples da infancia, quando, todo prazer e venturas, meu coração acolhia-se no tépido sacrario de affectos e caricias que era para mim o colo amigo e protector da mais amavel de todas as mães!

{86}

Onde estão os meus deliciosos sorrisos infantis de outr'ora?...

Rio Madeira, 21 de abril.

{87}

{88}

{89}

SEGUNDA PARTE OBJECTIVISMO

{90}

{91}

A pesca do Deodato

A pesca do Deodato

Ao Sr. J. T. Lobato de Castro

O tenente-coronel Fernandes salivou com estrépito para longe, afim de salvar a esteira que se estendia por baixo da maqueira e, ageitando no longo taquary pintalgado a cabeça de barro

topetada de tabaco legitimo do Acará, proseguiu:

—É como lhes digo. A desobediencia aos preceitos da igreja traz sempre após si a necessaria e indefectivel punição. Bem o affirma o ditado:—Deus castiga sem pau nem pedra. É certo que, quasi sempre, a consequencia lógica da culpa atraza-se tanto, que o peccador impenitente prolonga uma existencia criminosa no meio da mais impassivel tranquillidade, como se possivel fôsse á justiça do ceu esquecer. Muitas vezes, porém, a pena succede-se á culpa sem notavel intermissão e, em todo o caso, o espirito prudente só tem novo ensejo para arrenegar do instincto maldoso do homem e colher no exemplo nova convicção da sabedoria celestial. {92}

Calou-se, pigarreou, fitando com tenacidade, d'um modo quasi severo, o auditorio resumido e conspicuo: o Antonio Narceja, portuguez enriquecido n'um barracão á entrada do furo do Pagé; o Dr. Polycarpo Varella, juiz de direito, cuja recente remoção para Salinas filiava-se a memoraveis façanhas eleitoraes, nos confins do Paraná, ao expirar a situação conservadora, havia poucos mezes e Felix Jacaré, um cabôclo muito republicano, sapateiro de officio, avô do pequenito que dormitava-lhe ao côlo, esgaravatando machinalmente o nariz com o dedo titubeante, a cara suja, os labios breiados de assahy, como breiado estava o peito do camisaõ de riscadinho azul e branco. {93}

Bateram nove horas n'um relógio pendente da parede caiada. Fóra, bramia o mar. Pela janella aberta entravam, com a brisa, exhalações salinas e esse borborinho confuso e melancholico das noites em plena roça. No tecto de vigamento visivel, trilavam grilos. E, por intercadencias, a luz do candieiro de porcelana pestanejava de leve, como se também por ella passasse o arripio mysterioso das coisas tragicas que ali se falava ou se o apavorasse o tom soturno das considerações philosophicas do tenente-coronel Fernandes. {94}

—Tem muita razão, acudiu Antonio Narceja, offerecendo obsequiosamente um phosphoro acceso ao Dr. Varella, que sacára um cigarro de tauary.

—Conforme... obtemperou o Jacaré, cujo espirito de contradicção era conhecido na villa.

—Vou dar-lhe um exemplo, compadre, retorquiu Fernandes, risonho e sereno.

Pigarreou de novo, tornou a salivar. Depois, ageitando-se na rede, enquanto os companheiros aproximavam curiosos os bancos, principiou. {95}

*

Ha coisa de uns 25 ou 30 annos, vivia no Magoary um preto corpulento e encanecido, cuja idade ninguém poderia calcular e que toda a redondeza conhecia como sendo o mais ousado e feliz pescador da localidade.

Methodico, não passava um dia sem ir á pesca; afortunado, não atirava a tarrafinha sem depois puxal-a repleta de peixes! Era um assombro, um gosto admiral-o em acção! Parece que rejuvenescia-o o mar. Qualquer que fôsse o estado do tempo, era infallivel encontral-o todas as noites, pelas duas horas, descendo ao pequeno porto do barracão, a desencilhar a canôa e logo fazer-se ao largo.

E que saúde de ferro tinha elle! Jamais conhecera um incommodo, uma dôr de cabeça! Rijo como o acapú, afrontava os temporaes com a impavidez do fatalista. E pela madrugada, quem saisse á praia, não deixaria de descortinar muito ao largo, no mar alto, a pequenina luz intercadente da canôa do Deodato. {96}

Era rendoso o officio. Quando voltava á casa, depois do nascer do sol, o pescador trazia atopetado o fundo da embarcação. Ninguém o vencia na arte da salga, de tal modo que o seu peixe encontrava sempre melhores offertas do que o dos demais pescadores da costa do Magoary, quando os procuravam os compradores que iam revender em Belém.

Mas tinha um defeito o Deodato:—era um impio. Deveria possuir a alma igual á cutis, porque desprezava as leis de Deus e zombava impertinente de todos os mysterios da religião e de todos os actos do culto catholico.

Em balde buscara algumas vezes o padre Simplicio—conhecera?—trazei-o á reflexão e demovel-o ao respeito pelo Senhor. De tudo escarnecia o infeliz e, o que é mais revoltante, possuia phrases curiosas, sophismas fustigantes, objecções irrespondiveis, para combater os conselhos do sacerdote. Tudo era inutil. Não havia razão que o impedisse de ir á pesca ao domingo e dia santificado como em qualquer outro de trabalho. {97}

—Você ha de acabar mal,—avisava o padre, entre carinhoso e recriminativo.

—Milhor p'ra mim,—retorquia o hereje, sarcastico.

*

Ora, uma tarde, era vespera de não sei que dia santo grande. Creio que a Igreja rendia culto á Virgem sob a invocação de Senhora de Belém. Fazia um calor enorme. O ceu estava claro, limpo, muito azul e tranquillo, como tranquillo estava o mar. Na praia arenosa, as ondas vinham {98}

desdobrar-se preguiçosamente, n'uma languidez ineffavel. Mas, ali perto, nos mattos, estalavam os galhos, causticados pelo sol. E muito ao longe, na linha do horizonte, alguns pontos sombrios, a custo avistados a olhos nus, pareciam nuvens vagabundas no espaço ou podiam ser barcas de pesca paralyzadas á mingua de brisa.

No barracão, Deodato, semi nu, fumava, destrançando as redes. De vez em quando, assomava a cabeça á porta, a inspecionar o ceu.

Com a grande pratica que possuia, adivinhava, presentia calma quasi completa para toda a noite. Era isto de certo que lhe dava esse pequeno rictus á commissura dos labios e lhe encrespava levemente a retinta fronte. Maior trabalho seria o seu, pois far-se-ia necessario o remar por longo tempo. Emfim, nem tudo podia ser feito á mercê dos desejos humanos... E volvia á faina, de todo absôrto, fumando sempre.

{99}

Á boquinha da noite, appareceu um visitante inesperado á porta do Deodato:

—Póde-se entrar?

Era o padre Simplicio.

Sob o pretexto d'uma visita casual, pelo facto de passar ali proximo, ao regressar da roça do Xico Sette, o sacerdote penetrava com o intuito de verificar se o pescador iria aquella madrugada entregar-so ao costumado trabalho.

A occupação do Deodato mudou-lhe a supposição em certeza.

—Não faça isso, homem de Deus; olhe que a festa é da padroeira da cidade. Nossa Senhora não lhe perdoará a falta de respeito...

{100}

—Ella bem que s'importa co'a minha vida!—respondeu o preto, com um encolher de hombros que também poderia significar ao padre Simplicio o fastio que as suas observações lhe causavam.

—E se eu lhe pedisse que ficasse em casa, que viesse á minha missa, em vez de ir amanhã á pesca; se eu invocasse a nossa amizade, afim de ser attendido...

Teve Deodato um sorriso franco, dilatado, apresentando entre a dupla polpa dos labios os largos dentes alvos e disse com uma convicção profunda, com um tom sarcastico e decidido:

—Eu ia mesmo, sim, senhor!...

Não houve razões logicas, pedidos, ameaças de penas eternas que o demovessem. O negro era teimoso. Retirou-se o padre amuado, quasi colerico, benzendo-se repetidas vezes no meio da escuridão do caminho, tauxiada de pyrilampos loucos e murmurosa do longinquo coaxar de rãs, nos lameiros.

{101}

*

Ficando só, Deodato franziu a testa e, mordendo o labio, lançou contra o padre a reprovação tacita d'um gesto energico dos braços. O diabo do padréca que tratasse dos seus negocios. E esta!

Depois, comeu frugalmente, como de costume, um pouco de tainha moqueada e logo atirou-se á rede, vencido pelo somno.

Aquella alma de incredulo estava entorpecida inteiramente. Do contrario, teria tempo de reflectir nas observações do sacerdote e quiçá algum sonho o prevenisse da sorte que aguardava a sua irreligiosidade. Mas o infeliz dormiu como uma pedra até que os gallos das roças proximas soltaram no ar socegado os seus cantos da madrugada, despertando-o.

{102}

Levantou-se o negro e, accendendo o farol, saíu com direcção á praia.

Trilavam grilos, como n'este momento em que lhes falo. Na noite calma, rebrilhavam estrellas, espelhando na superficie lisa do mar as suas cabecinhas irrequietas. Nenhuma aragem movia os arbustos, as arvores do mattagal. Coaxavam sempre as rãs, emquanto os sapos cururús dialogavam com entusiasmo. E, ao longe, dominando esses mil arruidos da noite, vibrava ainda o cantar dos gallos, com um não sei que de profundamente triste, n'uma plangencia de alma condemnada.

{103}

Instantes depois, a canôa do Deodato fazia-se ao largo. Não havia sôpro de brisa. A calmaria era completa. Elle, desde a tarde, esperava aquillo mesmo.

Mas, apezar da idade, tinha ainda bons musculos o velho pescador. Remava á direita, remava á esquerda e o seu barquinho a pouco e pouco se afastava, impávido, cortando a vaga indolente.

Á pôpa, como de alcatéa, velava o farol, ia deixando pela esteira da embarcação um rastro luminoso, que se prolongava desmesuradamente, em direcção á terra.

Além d'este, nenhum outro signal de vida poderia enxergar-se mais em toda aquella extensão

de costa nem sobre a linha do horizonte, do lado do mar alto. Quem se atreveria a ir pescar na madrugada do dia festivo consagrado á padroeira de Belém? {104}

D'isto mesmo deveria recordar-se o Deodato, quando se achava já a mais de duas milhas de distancia, porque, fazendo meia volta ao corpo, olhou para traz e teve no rosto renegrido uma suprema expressão de ironia sorridente.

—Tolos!—rosnou, volvendo logo a remar com furia, cravando a vista nas redes colhidas ao fundo da canôa.

*

Meia hora depois, algumas pequenas nuvens sombrias tinham-se erguido lá muito ao longe, escalavam o ceu, vinham galgando distancias, desdobravam-se assombrosamente. Fitou-as o pescador, desconfiado. {105}

—Ué!—exclamou. Vento ou trovoadas?

Apezar da incerteza, ergueu o mastro, preparou a diminuta vela de muruxy. E estava contente, porque já não precisaria de empregar maior esforço. O remo já começava a cansal-o, que diabo...

Mas convinha aproveitar o tempo. Levantou-se ainda, tomou uma das rêdes e, com um gesto largo e facil, fel-a descrever um circulo por sobre a cabeça, lançando-a depois á distancia que reputou conveniente.

Colhendo-a, sentiu-a leve sobremaneira e não tardou em verificar que a estrêa fôra de todo improductiva. Não viêra um só peixe!

Era estranho, porque aquelle sitio já tinha fama de rico em cardumes.

Longinqua fulguração de relampago fel-o erguer o olhar. As nuvens tinham subido ainda mais, haviam-se estendido em quasi dois terços do espaço, pareciam agora as pesadas colgaduras de uma camara ardente. Segundo relampago, muito distante, scintilou então. E uma pequena aragem soprou fresca do lado do poente. {106}

Decididamente, ia cair a trovoadas. Não podia Deodato perder um segundo: içou a véla, manobrou no sentido de aproveitar o vento. E assim afastou-se ainda mais de terra. Iria experimentar o mar a meia milha d'ali.

Quando, depois de lançar a rêde em outro sitio, se dispunha a puxal-a, pareceu-lhe estar extremamente pesada. Um sorriso de alegria entreabriu-lhe os grossos labios. E então? Elle bem sabia que aquillo era infallivel!

Mas imaginem o seu assombro quando, depois de longos esforços, conseguiu trazer á flôr da agua a rêde que julgava repleta e de repente sentiu-a tornar-se completamente leve, encontrando-a logo de todo vasia, sem uma unica pescada! {107}

Deodato não era homem para impressionar-se, porém não deixou de achar bastante extranho semelhante factos.

N'esse momento, o espaço illuminou-se com um grande relampago, seguido do estrugir medonho do trovão.

O vento augmentara, passava agora sibilando nas cordas do pequeno mastro, enfunando a véla com raiva, arrastando a canôa n'uma furia, n'uma vertigem, á luz dos relampagos successivos, no meio de coriscos que esfusiavam caprichosos por todos os lados.

Comprehendeu o negro que a trovoadas ia ter maiores proporções do que as que lhe attribuiria ao principio. Nada mais poderia fazer n'essa noite. Aquillo era praga do Simplicio, pensava. Bem descontente, resolveu regressar. Quiz passar o panno para bombordo, porém não teve a precisa ligeireza e o vento, já de todo impetuoso, quasi invencivel, arrancou-lhe das mãos o chicote da espia e n'um momento arrebatou a vela em farrapos, n'um redemoinho sibilante pelo espaço. {108}

Só lhe restava o alvitre da resignação. E elle, habituado ás inclemencias, affeito a mil e uma tempestades, sentou-se sereno á pôpa, depois de abaixar o mastro: resolvera esperar o desenlace da crise.

O que presenciou então foi horrivel. Choviam raios á direita, á esquerda, por toda a parte. O ceu estava negro, agitado de ribombos infernaes, a cada minuto illuminado tetricamente, deixando a descoberto as grossas massas das nuvens fugidias. {109}

E o preto, longe de assustar-se, ali estava na barca, de braços cruzados, sorrindo com cynismo. O mar tinha um aspecto que se casava com a attitude hostile do espaço. Por toda a parte erguiam-se compactas collinas liquidas, escancaravam-se horriveis, hiantes valles phosphorescentes. Não chovia ainda, mas o vento, que zunia aos ouvidos do negro incredulo, cuspiam sobre elle milhares de gottas salitrosas tiradas ás ondas freneticas, trementes.

De subito, a amplidão toda se convulsionou, vibrou n'um estrepito pavoroso, repercutindo um

som innominado, jamais percebido pelo Deodato em situações idênticas. Avermelhado clarão illuminou tudo, revelou aos olhos do negro toda a magestade d'aquella scena para a pintura da qual, meus amigos, não tenho senão palavras inexpressivas e phrases sem colorido. {110}

Ficou estarecido o pescador. Sentira que a fragil embarcação era com vigor sacudida! Mas a força que assim operava não vinha decerto do embate das ondas. E a canôa tremia toda, rangia, vibrava incessantemente, como se um braço de Adamastor a agitasse n'uns empuxões cyclopicos e interminaveis.

—Que diabo é is...

Não pôde continuar. Deante d'elle, rodeado d'uma auréola de chammas, tresandando a enxofre, emergia Satanaz! Levantou-se indizível alarido: os raios duplicaram o faiscar, ribombos estalaram mais cavernosos. Por seu turno, o vento engrossou ainda mais as vagas, que chegaram quasi a cobrir o barquinho. {111}

Porém só durou um segundo o estupôr de Deodato. Qualquer outro homem succumbiria de medo. Elle, entretanto, como envergonhado d'esse instante de susto que tivera ha pouco, arrastou-se com esforço, ergueu a meio o corpo ensopado e transido. Depois, levantando o olhar e o punho para o ceu, proferiu, ou antes bramiu feroz imprecação satânica.

O diabo,—porque era elle em pessoa que assim surgira do mar,—empunhara uma espia e, correndo, cabriolando por cima das ondas loucas, entrou a puxar o batel para o lado de terra.

Aquella corrida frenetica durou um momento. D'ali a pouco, barco e tripolante desfaziam-se de encontro ás pedras d'uma enseada, perto da capellinha do logar. Viram os meus amigos a acção da justiça de Deus? {112}

—

Calou-se o tenente coronel Fernandes. Estava offegante, com os labios sêccos, o olhar animado.

Mas resoou no aposento uma gargalhada stentorica, que despertou o molequito no cólo do avô.

Era este proprio, o Felix Jacaré, quem zombara d'aquelle modo. Logo, com entonação escarninha, ponderou:

—Não creiam n'essa balela de seu c'roné. O tar Deodato não foi pescá, ficou na rêde muito socegado e depois sonhó essas coisa, 'hi 'sta. Seu padre Simpricio, antão, arranjà o resto... {113}

MATER DOLOROSA

MATER DOLOROSA

A Bellarmino Carneiro.

Ante-manhã.

O vapor seguia rio acima, bem perto da margem, tão perto que, ás vezes, as ramarias sussurrantes da floresta roçavam na coberta, estendiam galhos sombrios por de sobre a borda.

Ainda não haviam despertado as aves. O rio estava ali muito socegado, reflectindo o mattagal, banhando os aningaes avelludados. Não começára o arruido de passaros com que a alvorada é recebida, mas persistiam, comtudo, os derradeiros murmúrios dos animaes e insectos noctivagos. {116}

A bordo mesmo, á ré, tudo parecia descansar ainda.

Só o compassado resfolegar da machina denunciava que alguns entes velavam a meia-nau, attentos aos avisos do pratico de quarto.

Ao nascente, começava a desenhar-se uma tenue claridade,—o início do fugaz crepusculo amazonico. A sombria noite diluia o negrume n'um suave frouxel cinzento, muito mal esboçado, indeciso quasi. Estavam longe as meias tintas côr de pérola e lyrio, precursoras das tonalidades rosadas e azues, que a seu turno precedem as estridencias rubras e alaranjadas, em breve esbatidas na tranquillidade definitiva dos aspectos mais claros do dia adeantado.

{117}

Ia amanhecer.

Em uma porta de camarote, á pôpa, assomara um vulto sombrio de mulher. Esteve ali um momento. Logo encaminhou-se á borda, perscrutando a escuridão, por um lado, por outro, attentamente.

Aquelle vulto vestia um trajo simples, de rigoroso lucto.

Saudou-o da matta um silvo de passaro,—a primeira manifestação do despertar das aves.

O ambiente reacendia. Vinham da floresta virgem aromas capitosos de cumarú e baunilhas. Pelos cipós que desciam dos galhos, formando emmaranhamentos caprichosos, deviam escorrer as preciosas resinas que trescalavam tão fortes effluvios.

A mulher inspirou com força. Queria banhar os pulmões n'aquella olencia. Em seguida, suspirou um suspiro triste; suspiro de viuva? suspiro de mãe inconsolavel?

{118}

Clareara um pouco mais. Ja se percebia todo o labyrintho de braços folhudos que as arvores estendiam no ar, em contorsões. Uma suavidade paradisíaca se diffundia na meia tinta da luz crepuscular. Era quasi sol nado. Os passarinhos já haviam encetado o canoro certamen, volitavam céleres. Á beira-rio, nenuphars ostentavam-se opulentos por de sobre as polposas folhas que pareciam caprichos de esculptura em marmore verde. Mil flôresinhas silvestres salpicavam a vegetação das margens, sem nenhum acanhamento de uma ou outra victoria-régia que se dignava mostrar-se entre os massivos dos mururés, os quaes recebiam da correnteza um brando movimento de balouço. E, de um a outro lado do rio, eram grandes bandos altíssimos d'aves aquaticas,—patos grasnadores, pavõesinhos gemebundos, garças, cegonhas, toda a migração alada dos desertos amazonicos. Estava ali a natureza intacta, no seu inalterado aspecto milionario, tal como a viram os primeiros habitantes, as tribus lacustres que fôram as raças autochtones.

{119}

O vapor seguia sempre adeante, rente a terra, na mesma monotonia. Aquella ascensão parecia o desvirginamento d'um éden.

Iniciou-se a bordo a tarefa quotidiana. Alguns marinheiros appareceram trazendo baldes, desdobrando mangas para irrigação. Rompeu a subitas o sol, por além das mattas, n'um deslumbramento.

Fugiu veloz para o camarote a madrugadora passageira.

{120}

*

Horas mais tarde, o commandante atravessou o tombadilho, foi bater-lhe á porta. Seguiam-n'o trez ou quatro pessoas, que se conservaram a curta distancia, dissimulando a custo grande curiosidade.

Era de certo esperada a visita, porque, immediatamente, a mulher saíu a recebel-a. Com a luz do dia, via-se que era uma anciã, de rosto enrugado e fronte encanecida. Não tinha aquella physionomia outra expressão que a do mais fundo soffrimento. E os olhos brilhavam extranhos, muito negros e dilatados, entre longos cilios sedosos.

—Já estamos,—disse-lhe o commandante.

{121}

Ella penetrou de novo no aposento, mas volveu passado um instante. Trazia uma corôa de saudades,—uma corôa tosca, evidentemente barata. E, com o sorriso triste, murmurou ao capitão uma palavra de agradecimento.

Depois, apertando com as mãos crispadas a humilde corôa sobre o coração, foi ajoelhar-se junto á borda, suspirando, soluçando, toda desfeita em pranto.

Ali perto, na floresta, rebrilhavam flôres de sonho,—extranhas orchídeas gigantes, catléas variegadas, osculadas de colepteros zumbidores. Crescia triumphal o canto dos passarinhos.

*

O grupo de passageiros arredára-se, n'um movimento de involuntario respeito por aquella sincera dôr ignorada. No meio d'elles, o commandante sentou-se taciturno e falou:

{122}

—Não notam? Estou emocionado. Ha doze annos que vejo, em cada viagem, duas vezes repetir-se este spectaculo e, no entanto, até aqui me não familiarizei com elle. A prova é que abala-me ainda, como da vez primeira que a elle assisti. Onde encontrar explicação para isto? De certo que no immenso impulso d'essa dôr, na grandeza do sentimento que a provoca e que ha de haver compungido o coração dos senhores todos, não é verdade?

O grupo teve um movimento egual de assentimento. Em algumas physionomias brilhava uma curiosidade inequivoca. Mas o capitão proseguia:

—Vou referir-lhes a causa d'este spectaculo com que não contavam certamente os meus amigos. Esta senhora é a viuva do antigo commerciante C. A., de Belém. O marido possuia seringaes no alto Madeira, administrados por um primo. Raras vezes vinha a estas paragens: a escala dos seus negocios no Pará impedia-o de visitar a propriedade, perto da fronteira boliviana. {123}

Tinham um filho unico,—o pequenito Anselmo,—um mimo de creança, que os senhores haviam de estimar se o vissem, uma só vez bastava. Moreno, olhos negros e vivazes, tinha na franca physionomia alegre a manifestação exacta d'um espirito aberto e elevado. Sympathico a valer, bem educado aos onze annos, todos o queriam sobremaneira.

Esta creança, um dia, perdeu o pae. Aquella senhora que ali está em pouco tempo soube que os seus haveres se achavam reduzidos. Ella, que sempre vivera na abundancia, não teve uma palavra de queixa. Abençoando á memoria do eterno ausente, resolveu retirar-se para o seringal, trabalhar como o ultimo cabôclo, afim de attender á instrucção do pequeno. Para este voltaram-se todos os seus affectos. Quem ignora ahi como sabem amar as dôces mães amazonicas? {124}

Dona Maria não tinha parentes proximos. Empreendeu a viagem sem saudades, n'este mesmo vapor. Trazia comsigo o retrato vivo do morto, cuja existencia era continuada na louçania dos onze annos risonhos da creança.

A bordo, corriam felizes os dias. O Anselmito brincava sem pezares, tinha em cada passageiro um camarada. E a bôa senhora quedava-se horas esquecidas a fital-o de longe, no enlêvo da sua alma reflexiva, folheando recordações posthumas, revendo saudades discretas. {125}

Foi ha doze annos. Uma tarde, não sei que passara ao menino: estava mais brincalhão do que nunca. Ia por toda a parte, correndo, risonho, amavel com toda a gente. De subito, um grito resoou, acompanhado d'um brado d'alma, indescritivamente lancinante! Olhem, ainda o tenho aqui, a vibrar-me nos ouvidos, esse grito de mãe desesperada!

O Anselmo cavalgara o parapeito, n'um instante de descuido de todos nós e, perdendo o equilibrio, rolara para o abysmo. Foi além, defronte d'aquella immensa sapupêma. Em breves minutos lá estaremos. Parou o vapor, desceram escaleres, fez-se inuteis pesquizas durante vinte e quatro horas seguidas. {126}

O cadaver adorado não appareceu.

De então para cá—e quantas viagens tenho eu feito?—a infeliz mãe não deixa o *Mahissy*. O seu affecto retempera-se em passar incessantemente por sobre o sitio onde as aguas caudalosas do Madeira tragaram aquelle corpinho tão fragil e tão querido. De cada vez que por aqui singramos, dona Maria ajoelha-se lacrimosa e, ao chegar ao logar fatídico, arroja piedosamente ao rio uma corôa de saudades artificiaes. Não tem aqui flôres naturaes, a pobre; mas acaso não são bem viridantes as flôres do seu coração, as tristes flôres do pezar eterno?

Nunca mais foi a terra. O seringal, vendeu-o logo, pela metade do preço, Gasta o dinheiro em passagens para si, e corôas para o anjinho. Já devem estar bem reduzidos os capitaes da desgraçada. Causa-me isto uma lastima profunda. Mas attendam... {127}

*

Dona Maria erguera-se, n'um impulso desvairado. Levantou por cima da cabeça a mesquinha corôa toda banhada de sol e arrojou-a á agua.

O rio tragou a funebre contribuição, fechou-se murmuroso, em circulos concentricos. A anciã tornara a cair genuflexa, soluçante e transfigurada no seu apaixonado desespero.

Em terra, bem á orla da floresta ancestral, mil aves garrulavam na copa gigante d'uma feroz sapupema secular. {128}

{129}

Yaras paraenses

YARAS PARAENSES

No copiar da chacara, aquella noite, haviam-se reunido alguns vizinhos do commendador Esteves, o principal proprietario do Pinheiro.

Rêdes fechavam os angulos, pendentes dos esteios. Era uma roda de homens. Todos balouçavam-se, acalorados, aguardando o assahy que n'esse momento a mulata Josepha amassava na cosinha.

O luar de agosto penetrava em diagonal, diaphano, trazendo toda a melancholia profundíssima das incomparaveis noites equatoriaes. Da matta pouco distante, lavada de luar, vinha o monotono arruido dos insectos nocturnos, o alarido dos cururús teimosos. Na gaiola pendente do tecto sem fôrro, um caraxué silvava. E do rio, que corria ali perto, ao fundo da ribanceira, subiam com a brisa refrigerante os rumores dos barcos de pesca fazendo-se ao largo, para a foz. {132}

Fumava-se, conversava-se. Haviam já discutido os negocios do dia, na capital. Esteves encetara mesmo um pouquinho de politica. Portuguez de nascimento, não queria immiscuir-se em assumptos partidarios; mas tinha por elles sua predilecção e nunca deixava de externar uma ou outra opinião, sempre muito conservador e ordeiro.

N'essa tarde, viera com elle passar a noite na rocinha o velho Barriga, seu aviado do alto Xingú. Era um cabôclo adiposo, de ventre proeminente e face larga. Apparencia insignificante, matreirice innata: o typo commum do seringueiro indígena. Trouxera a mulher, que já estava recolhida ao quarto destinado ao casal. {133}

Achava-se também presente o subdelegado Fonseca, antigo solicitador dos auditorios, agora enviado ao Pinheiro afim de preparar recursos para uma eleição proxima. Era esta a sua especialidade, ao que parecia. Em todo o caso, rendia mais do que a primitiva profissão. Um presidente vindo da Côrte não tivéra extraordinaria difficuldade para convencil-o d'isto.

Mas a palestra veio naturalmente a versar sobre assumptos do sertão. A um quint'annista de direito, que villegiaturava todo o anno, explicara já o Barriga a pesca do pirarucú e o preparo da grude de gurijuba. O quint'annista era, n'este ponto, d'uma ignorancia absoluta: não admirava a sua curiosidade. {134}

Os demais circumstantes escutavam n'um silencio discreto, bocejando. Nas intercadencias da narrativa, apenas se ouvia o ranger das escápulas pelo movimento das rêdes e o farfalhar dos galhos, matta fóra.

Uma voz reclamou um conto indígena, uma lenda amazonica. Não comprehendeu a phrase o Barriga. Quedara-se a olhar o interlocutor, cortado.

—Historias de bôto, do curupira, da mãe d'agua,—explicou o subdelegado.

—Han!—rosnou o cabôclo. Tudo isso é mentira, acredite!

—Como! Pois o senhor atreve-se a negar o que todos no sertão asseguram ser verdade evidentíssima? {135}

Sorriu o velho, superiormente. Tinha no rosto uma profunda piedade, pela bôa fé do cidadão. Ergueu-se, afivelou o cós da calça e, espreitando para o lado do quarto da mulher, congregou os companheiros em circulo diminuto. Estava transfigurado: era um philosopho stoico.

—Vocês ouviram já falar em yaras, não?—perguntou. Pois é tudo mentira também.

E abaixando a voz:

—Só ha uma especie de yaras,—proseguiu. Essas, porém, não vivem no fundo dos rios da minha terra, estão, ahi, na cidade; vi hoje á tarde uma porção, quando fui com seu Esteves tomar o vapor. São as mulatinhas cheirosas a periperioca e jasmins, sabem? as verdadeiras yaras encantadas. Mas precisamente não é para o abysmo das aguas que arrastam a gente!... {136}

—Seu Barriga, venha dormir!—gritou no outro extremo do copiar a encanecida e rotunda esposa do velho cabôclo do Xingú. {137}

Uma historia de amor

Uma historia de amor

(DOCUMENTOS HUMANOS)

PRIMEIRA QUINZENA

I

Senhor,—

Não posso attendel-o. Tenho deveres sagrados a cumprir, uma posição social a zelar. Esqueça-me.

(*Sem assignatura*). {140}

II

Senhor,—

Julgo-o um cavalheiro e acredito-o sincero, por causa da assiduidade com que me procura. Aceito o seu convite para jantar,—mas somente no intuito de o dissuadir d'essa loucura que nunca poderá ser correspondida. Até logo.

ELISA.

III

Sympathico amigo,—

Porque insiste? Estimo-o como um camarada, quasi como a um irmão. Não posso, entretanto, perdoar-lhe a impertinencia:—meu marido nunca será enganado.

ELISA. {141}

SEGUNDA QUINZENA

I

Bom amigo,—

Exactamento como o senhor, estou bastante incommodada por tremenda enxaqueca, que obrigou-me a ficar deitada até agora. A sua amavel carta, cheia de phrases tão meigas, traz-me certo lenitivo e me dá a energia necessaria para tomar a penna. Demais d'isto, a satisfação de escrever-lhe faz-me esquecer os proprios soffrimentos.

Não me agradeça tanto o serão de hontem, ao jantar. Se o sr. comprazeu-se com a minha companhia, o mesmo aconteceu commigo; não tenho, pois, merito algum em fazer o que ditam os meus mais caros desejos. {142}

Quanto mais conversamos, mais vou eu descobrindo no meu bom amigo sentimentos e gostos que correspondem aos meus. A surpresa rejubila-me; semelhante analogia de character e de idéas é

demasiado rara para que eu deixe de admirar-me, sobretudo se encarar as barreiras sociaes que nos separam e a differença de classe a que pertencemos.—A sua cartinha de hoje é uma pequena obra-prima de cariciosas phrases. Quero crel-o, desejo acreditar-o. Já não posso duvidar do senhor. Julgo-o sincero, porque *nada* o obriga a ter procedimento igual ao seu. O sr. é demasiado superior de espirito para ligar tanta importancia a uma vulgar questão de materialismo. Por consequencia, a logica me compeliu a suppol-o franco em seus sentimentos apparentes. Quanto a mim, entrego-me toda ao senhor, intellectualmente. Juro-lhe que sou sincera, mesmo—e sobretudo—nas minhas ingenuidades. {143}

O sr. é sceptico, já m'o disse; isto é, preveniu-me do trabalho que eu teria para fazer-me acreditar. Não ignoro as prevenções que têm os homens pelos sentimentos affectados. Todas as mulheres são enganadoras, voluveis, mentirosas, mas todas têm, comtudo, momentos de real sinceridade. Encontro-me em um d'esses momentos. E note, meu caro Jorge, que não digo isto para differenciar-me das demais mulheres e tornar-me importante aos seus olhos. Não, porque possúo todos os defeitos acima enumerados. Melhor do que ninguém, sabe-o o senhor, porque estou prestes a enganar o homem com quem vivo. Verdade é que esse homem é um imbecil e que nunca sympathisarei com tal cathegoria de character. Não digo isto para desculpar-me aos meus proprios olhos, pois só me importo com a minha consciencia e não com alheias opiniões. Digo-o, sim, á laia de informações a respeito dos meus sentimentos reaes, no intuito de fazer-lhe comprehender que, do senhor para mim e reciprocamente, deve estabelecer-se uma corrente de escrupulosa sinceridade, pela simples razão de que eu e o sr. não somos impellidos um para o outro por outro interesse que não seja o nosso capricho,—ou, se mais lhe apraz e para falar mais exactamente, pela especie de correlação que existe entre os nossos dois espiritos. {144}

Como vê, sou mais franca do que o sr. É talvez um mal. Por principio, uma mulher, posto que enamorada, nunca deve revelar inteiramente a sua alma. Eu, porém, tenho-o na conta do mais leal dos homens, do mais generoso dos corações. Serei algum dia despertada cruelmente d'este adoravel sonho? {145}

Percebo que tenho ainda muitas coisas a dizer-lhe: tomo, pois, outra folha de papel. Ha de fazel-o sorrir tamanha expansão. Que quer? Tenho tantas phrases agitando-se-me na cabeça.... Emfim, perdôe-me. Desejo que o sr. me conheça bem e saiba completamente o que sou e o que quero.

Não imagina até que ponto aprecio a attenção tão firme mostrada para commigo, vae fazer um mez. Agradeço-lh'o deveras, porque isto me satisfaz immenso. Lembra-se da carta em que lhe pedia que me esquecesse? Pois bem; hoje tem o meu querido amigo a razão por que lhe dizia essas palavras. Não o conhecia bem e receiava affeiçoar-me demasiado a um homem cujas apparencias eram as de um aristocratico *viveur*.—Sinto que hei de amal-o, que hei de amal-o talvez mais do que o sr. deseja e o amor é, ás vezes, cruel tyranno intransigente e molesto. O sr. agora está prevenido: póde defender-se. Não venha um dia lamentar-se pelo facto de haverem-se tornado demasiado serios os meus sentimentos. {146}

Tenho o genio tranquillo. De temperamento frio, difficilmente me entusiasmo. Com respeito a questões graves, nada emprehando sem antes prever os resultados do acaso ou do imprevisto. Nunca foi meu fraco a leviandade. É por isso que faço questão de patentear-lhe a alma da mulher que o senhor tem deante dos olhos e que espero nunca será considerada com volubilidade. {147}

Conhece-me agora, querido amigo. Esta carta é uma confissão: nunca fiz outra igual. Sem falsa vergonha revelo os meus defeitos e fraquezas, sabendo a quem os confio.

Falemos agora de coisas que interessam á vida physica. Nada tenho a dizer-lhe sobre o ponto que trata do aposento em questão: approvo o que fez. Veja que o ninho seja bem discreto, bem mysterioso, para esconder perfeitamente a felicidade que vae abrigar.

Até amanhã.

ELISA. {148}

II

Jorge,—

Volto do passeio n'este instante com meu marido e encontro a tua carta. Então, meu querido, já estás mau e injusto sem motivo!

Em primeiro lugar, dizes—*a senhora*, o que, na correspondencia, é um matiz bem accentuado de frieza. Não é bonito isso.

Depois, agastas-te sem razão. Não conheces acaso a minha existencia? Não ignoras que goso de uma liberdade limitada. Além d'isso, não temos ambos, eu e tu, as nossas respectivas obrigações? Differentes, sem duvida, dir-me-ás, porém isso não impede que seja imprescindivel cumpril-as todas.

Tens graça affirmando que eu podia arranjar um pretexto! Invento-os todos os dias, mas lá vem um instante em que os argumentos mingam e mistér se faz pagar o tributo da propria presença, como hoje aconteceu. {149}

Não sejas, pois, injusto:—eu soffreria bastante.

A vida que levo não tem alegrias para mim, acredita-me. E, se vens ainda augmentar-me os desgostos com recriminações que não mereço, ainda mais me entristecerás.

Amo-te, bem o sabes. Se não o crês, é porque impede-te o teu scepticismo. Como provar-te, entretanto, o meu amor?

Vê se sou corajosa: escrevo esta carta (e bem notas com que tranquillidade), deante de quem sabes. Não posso mostrar mais audacia, mais temeridade, parece-me. *Elle* anda ao redor de mim, com olhares atravessados, que me encolerisariam se eu já não estivesse tão predisposta contra elle. {150}

Até logo. Não sejas tão mau com a tua

ELISA.

TERCEIRA QUINZENA

I

Meu querido,—

Vou mais uma vez enfasiar-te com a minha prosa quotidiana, porém agora tenho uma desculpa:—estás doente.

Como te encontras hoje? Cada vez melhor, presumo-o e desejo-o com toda a minha alma.

O tempo está mau, trata-te bem, não faças imprudencias nem affrontes o ar humido e doentio das ruas lamacentas depois da chuva d'esta noite. {151}

Muito penso em ti e soffro extraordinariamente por te não ver ha longos dias. Tu, meu amigo, que tão bem conheces o coração das mulheres, ainda desconheces o meu, que, no emtanto, possues inteiramente... ou antes, conheces demasiado a esse pobre musculo e é por isso que ás vezes o fazes soffrer bastante.

Adeus, meu amor. Trata-te com cuidado e recebe toda a ternura da tua

ELISA.

II

Jorge,—

Depois do que se passou hontem á noite entre nós, tomo a prudente resolução de libertal-o da minha presença, que o importuna de certo tempo para cá. Esta carta é a da sua alforria: sae ao encontro das suas intenções, que, mais hoje, mais amanhã, seriam propostas de certo. {152}

Não me surprehende a sua conducta. Sinto não haver-me equivocado, porque amava-o. O sr. é muito caprichoso e nunca teve affeição por mim. Nunca houve no mundo caracteres tão deseguaes como os nossos. Os nossos gostos e sentimentos andavam em regiões absolutamente oppostas, bastante tarde o comprehendo.

Adeus, por tanto. Cure-se, restabeleça depressa a saúde, que eu desejara saber completa, mesmo sem nunca tornar a vel-o. Adeus.

ELISA.

—

Conforme.

{153}

A filha do pagé

A filha do pagé

A Martin Garcia Mérou

I

No rio Negro.

Das margens, nenhum som da vida animal perturbava a tranquillidade das coisas. A pino, o sol mordida as densas vegetações sombrias, fustigava tenaz uma ou outra borboleta vagabunda sobre os nenuphars exhaustos. O rio seguia monotono, n'um esvaimento; apenas pelo meio, lá ao largo, a correnteza fervia em cachões, borbulhava entre escumas alaranjadas, depurava-se de todos os residuos que acarreta a grande arteria aquatica. {156}

Pela beirada, aproveitando o remanso, ia subindo vagarosa, impellida pelo remo de pá, a canôa de pae Francisco, o velho pagé de Curralinho.

Vinha de longe, o solitario viajante. Emprehendêra a operosa navegação, que almejava fôsse a sua ultima ascensão para o centro, em busca do absoluto socego onde podesse sondar a sua dôr e dar largas ao pranto que não seccava ha seis mezes. Fugia do logar onde fôra feliz e poderoso. Além, no mysterio das florestas intactas, na grandiosidade da natureza virgem, havia de encontrar o lenitivo para as amarguras da alma lacerada. {157}

Uma ternura afagava-lhe o espirito, onde renasciam vislumbres de esperança. Esquecer o passado, não o desejava. Seria buscar o impossivel. A que ousava aspirar, n'uma humildade de supersticioso, era á pacificação circumdante, para rever a seu gosto agridozes saudades, resuscitar as reminiscencias, fruir as meigas recordações dolorosas dos tempos idos. Era isto querer em demasia?

Remava sempre, semi-nú ao centro da embarcação, com o dorso exposto á soalheira, suarento, a cabeça ora para deante, ora erguida, no movimento dado ao remo. Nada via do lado da terra. A vegetação crescia opulenta, emmaranhara glaucas barreiras invenciveis de raizes, troncos, ramagens e lianas. Por cima de tudo isto, palmeiras carregadas de tractos trapejavam brandamente e dos galhos, d'entre massiços mais claros de folhagens tenras, pendiam as orchídeas, na gala aristocratica dos seus caprichosos matizes. {158}

Ás vezes, adeante da canôa, pinchava um peixe assustado, levantava innumeras gottas, achamalotava de arripios fugitivos a negrura do remanso. Mas o velho quedava-se impassivel, remando sempre, fixo na idéa de fugir de Curralinho. O aspecto exterior do mundo não o interessava; debatiam-se-lhe tumultuosamente no espirito milhares de pensamentos retrospectivos, um só dos quaes era bastante para dominar-lhe a atenção inteira. {159}

II

Era simples a historia d'esse homem.

Nascêra e crescêra em Curralinho. Filho d'um antigo cabano, fizera-se pagé quando lhe morrêra o pae.

Desconhecido ao principio, teve de esperar paciente que os seus feitos o acreditassem na população, trazendo a pouco e pouco o exito que tamanha fama lhe grangeou depois. Ao chegar á idade madura,—estava definitivamente consolidada a sua reputação. De muitas leguas ao redor, vinham durante o anno centenas de pessoas recorrer-lhe ao talento com a fé cega dos supersticiosos e dos crentes. {160}

Uns,—a nata da gente culta de Curralinho,—tinham-n'o na conta de brégeiro especulador. Mas a parteira Eudoxia proclamava convicta o sincero devotamento de pae Francisco áquillo a que

ella, com um pouco menos de propriedade na expressão, chamava o seu sacerdocio. Levava mesmo o espirito justiceiro a assegurar, com a responsabilidade do testemunho evidente de cem pessoas, que, para resolver uma situação difficil de puerperio, mais valiam as imposições cabalísticas da dextra do apregoado pagé, do que toda a sua longa pratica, d'ella depoente insuspeita, associada á infallivel interferencia de São Raymundo Nonato.

Especulador ou convicto,—não vem a pêllo esmerilhar o fundo d'aquelle character. Talvez mesmo tivesse ella as duas qualidades que são, quasi sempre, o acúleo do seu e de identicos mestéres. O que havia de positivo era a adoração que sentia pela filha,—um encanto de caboclinha rechonchuda e capitosa, que lhe déra a companheira, momentos antes de morrer. Fôra essa a unica vez que falhara a sua sciencia de mago. Será verdadeiro o aphorismo de que santos de casa não fazem milagres?—perguntava, benzendo-se trez vezes, a velha Eudoxia. {161}

Toda a villa conhecia e estimava a repariguita. O pae tinha-a fóra de casa, com a gente d'um amigo intimo. Ia vel-a todos os dias e passavam longas horas sem que elle interrompesse o affectuosíssimo colloquio, que tão deliciosamente banhava de inenarraveis venturas o seu singelo coração.

Que gloria valia a de ser pae de similhante creatura? {162}

III

Creara-a elle proprio, desde os primeiros dias da dupla viuvez do seu corpo e da sua alma. Descrever toda a serie de cuidados, de atenções, esperanças e sustos desenvolvidos por pae Francisco, seria traçar o poema de um heroismo commum no bemdito solo amazonico.

Fôra elle a sua ama secca,—mas disvelado como nenhuma. Tinha um geito especial para amimar a pequenita creatura, apaparical-a com terna bondade, que era um gosto espreital-o no desempenho d'essa funcção providencial. Havia, assim, n'aquelle extranho ser, duas entidades heterogeneas, uma dualidade admiravel, que tão profundo contraste estabelecia entre o terrivel feiticeiro abracadabrante e o pae melifluo, de olhos deslavados em sorrisos de adoravel meiguice. {164}

Quedava-se o cabôclo, a cada instante, longo tempo a rever na face inexpressiva da creancinha as feições d'um ente estremecido, para sempre entregue á dissolvencia definitiva, no sombreado cemiterio da villa. O seu affecto fazia ricochete na muralha da morte e volvia inflorado de carinhos, fúlgido de enternecidas esperanças, a formar a aureola transcendente que exalçava o futuro da creancinha.

Felicia chamara-a, n'um augurio de ventura. Quantas horas não ficava absôrto, á beira rio, sonhando acordado mil felicidades para o enlevo da sua alma solitaria, para a filha idolatrada que ali medrava a seu lado, na força da vida ao ar livre, sem peias physicas a entorpecer-lhe a pujança da infancia? {165}

Vieram, mais tarde, outros cuidados. Necessario se tornava dar fórma a um espirito vivo, a uma intelligencia agil e vigorosa. Já não bastavam as atenções materiaes. A *ama secca* devia tornar-se n'um educador perfeito e elle soube sel-o com exito, no seu meio, nos limites da propria visualidade espiritual. Não têm as almas, ainda as mais simples, um mundo de idéas sãs, um thesouro de sentimentos puros, tão efficazes na comprehensão dos deveres moraes?

A philosophia do pagé de Curralinho era singela como a simplicidade da sua existencia, vigorosa como a pujante natureza circumdante. {166}

Mas a creança da vespera tornara-se mulher. Novos sobresaltos para o pae. Não lhe bastava a convicção de lhe haver insuflado á alma os mais sãos conselhos. Uma nuvem de desconfiança lhe entenebrecia o coração. Os sustos perseguiram-n'o sempre, mesmo no meio dos somnos agitados. A sua preocupação constante era esta: amparar a filha contra o assalto da concupiscencia. Se houvesse necessidade de comparal-o a algum personagem do romantismo, nenhum vulto era mais adequado ao símile do que o do apaixonado truão de Francisco I.

Pozera-se de má catadura, encanecêra, tornara-se rispido e intolerante com todo o mundo. Em cada individuo via um ladrão da sua felicidade. E, nos dialogos com a filha, ao luar, ao longo da ribanceira, dominando o Amazonas, tinha encantadoras expressões de meiguice, phrases cariciosas como osculos de creança amimada,—admiraveis esforços para prender e enleiar definitivamente um affecto que elle receiava—ou adivinhava?—perder um dia. Esta unica idéa lhe dava febre. Era, então, n'uma languidez voluptuosa e pura, que recebia os beijos filiaes da virgem, perfumada a periperioca, agitada n'uma ternura reconhecida. {167} {169}

IV

Este encanto durou pouco. Felicia amara, alfim, outro sêr extranho, com um novo sentimento

cuja diversidade reconheceu tão grande, que não teve animo para confessal-o.

Ignorando tudo, o pagé contemplava satisfeito, na apparente tranquillidade da caboclinha, o são producto dos seus conselhos.

Um regatão de longe—lá das bandas de Macapá—fôra o perturbador d'aquelle singelo coração. Era moço, valente, um bello typo de tapuia varonil. A sympathia da rapariga fez-se primeiro entusiasmo doidivanas, assumiu depois as proporções de violenta paixão. {170}

Felicia não tinha já a mesma fixidez attenta no olhar quando a encarava o pagé. Distrahida, opressa por vago mal estar, buscava a solidão, isolava-se por gosto. O pae attribuia esse estado a causas puramente physicas. Entretanto, quem surgisse, alta noite, por perto do copiar da casa onde vivia a moça, havia de enxergal-a nos braços do regatão, soluçante de amor, gemente de desejos.

Não podia prolongar-se o novo estado de coisas. Um dia, ao amanhecer, foi o pagé avisado que lhe fugira a filha. Por uma reveladora coincidencia, desaparecêra também do portosinho da villa a canôa do regatão.

O velho cambaleara, caíra sem sentidos. Trez semanas esteve á morte, ardendo em febre, delirando entre pesadêlos horriveis. Todo o povoado emocionou-se á narração de tamanha dôr. Os mais endurecidos corações, aquelles que chamavam feiticeiro e perverso a pae Francisco, tiveram para elle um movimento de sympathia, uma pontinha de dó. {171}

Eudoxia, entretanto, não ficara socegada. Varonil, resoluta, organisou, com o auxilio de dois amigos que equivaliam a duas dedicações poderosas, uma expedição em busca de Felicia.

Alguém dissêra que o regatão tomara o caminho de Gurupá. Na mesma direcção seguiram a parteira e seus auxiliares. Dois mezes depois—nem tanto, talvez—estavam de volta. Rocebeu-os o velho n'um desanimo, com um sorriso triste, quasi idiota, na face desfigurada.

Tudo inutil. Felicia morrêra em viagem. Havia-a destruido a variola. O regatão enterrara-a n'uma escarpa e ficara louco, ao abandonal-a para sempre á orla da floresta, sob uma chuva interminavel de flôres capitosas. {172}

Pae Francisco manteve-se calado, imperturbavel; só dois grandes fios de lagrymas deslisaram-lhe pelas faces, cortando o rictus que a immensa dôr formava em cada commissura dos labios.

Meia hora depois, elle também partia, sem despedidas, n'uma canoinha leve, subindo o Amazonas.

Eis porque, ha pouco, o encontramos, lavado em suor, a cabeça ora para deante, ora erguida, no movimento dado ao remo. Ha alguns mezes já que saíu de Currealinho. Segue pela beirada, aproveitando o remanso do rio Negro.

Foge do logar onde fôra feliz. Não terá direito a aspirar ao lenitivo para a alma lacerada? {173}

Como nenhum som de vida animal perturba a tranquillidade das coisas, está perscrutando a intensidade dos proprios pezares, sopesando a agonia do coração encarquilhado.

Vae sempre para o centro, n'uma ascensão dolorosa, martyr da bôa fé. No espirito, afagado por indefinida ternura, renascem-lhe vislumbres de esperanza. Não é que pretenda esquecer o passado. Busca apenas o socego absoluto das florestas intactas, para dar largas ao pranto que não secca ha seis mezes.

Demais, no meio da pacificação circumdante, não poderá elle rever a seu gosto agridoce saudades e convulsar baixinho, muito baixinho, com a sua querida Felicia,—não a fugitiva,—mas a outra, a pequenita, a que o preferia sempre, aquella que elle creara como ama secca e ainda conservava pura e infantil no fundo do amantíssimo coração? {174} {175}

INDICE

PRIMEIRA PARTE

Subjectivismo

	Paginas
O isolamento	15
Gaivotas	27
O Naufragio do Purus	39
Brinde a minha Filha	49
O cemiterio da floresta	57
Um anniversario	67

SEGUNDA PARTE

Objectivismo

A pesca do Deodato	89
Mater dolorosa	113
Yaras paraenses	129
Uma historia de amor	137
A filha do pagé	153

ESTE VOLUME

foi impresso, gravado e brochado
para Arnaldo Moen, editor,
314, Florida, 314
BUENOS AIRES
10 de fevereiro de 1896

NOTAS DE TRANSCRIÇÃO:

A grafia original usada no livro impresso foi mantida nesta edição.

Foram corrigidos alguns erros de impressão, onde não havia dúvidas sobre a intenção do autor.

O índice foi replicado no início do livro para facilitar a consulta.

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK ENTRE AS NYMPHÉAS ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this

agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include

the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any

agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.